

O futuro como tendência: o diálogo geocomunicacional contemporâneo

Future as a trend: contemporary geo-communicational dialogue

Paulo Celso da Silva

Mestre e doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo. Professor e coordenador do Programa de Mestrado em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba

Roger dos Santos

Mestrando em Comunicação pelo Programa de Mestrado em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. Professor de História da Arte do curso de Arquitetura da Universidade de Sorocaba

Carlos Fernando Leite

Graduando em Filosofia e pesquisador de Iniciação Científica (bolsista PIBIC/CNPq) no Programa de Mestrado em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba

Resumo

O artigo aborda o pensamento e a obra do geógrafo brasileiro Milton Santos para propor um diálogo entre a comunicação e a geografia. Conceitos como cotidiano, emoração, homens lentos e homens opacos são mostrados por sua aplicação em suportes midiáticos – como compact disc –, nas artes plásticas e na arte performática. As visualidades contemporâneas da lógica capitalista não são vividas por todos os agentes nas cidades, sobretudo nas grandes metrópoles. Isso faz com que nem todos se apropriem da intensidade existente além das imagens ou consigam vivê-la.

Palavras-chave: diálogo geocomunicacional; cotidiano; Milton Santos; homens lentos e homens opacos.

Abstract

The article discusses the ideas and the work of Brazilian geographer Milton Santos, in order propose a dialogue between Communication and Geography. Concepts such as Daily Life, Emoração, Slow Men and Opaque Men are demonstrated by their application in media such as compact discs, visual arts and performance art. The contemporary visuality of capitalist logic is not experienced by all subjects in the cities, especially in the big ones. This means that not all of them can take hold of the intensity that exists beyond images, or experience it.

Keywords: Geo-communicational Dialogue; Daily Life, Milton Santos; Slow Men and Opaque Men.

Saudades do futuro / não é uma alegoria! é o desejo de ultrapassar a eternidade das coisas e dos homens.

Armando Corrêa da Silva

Gosto de mapas porque mentem. Porque não dão acesso à pura verdade. Porque, generosos e bem-humorados, estendem-me na mesa um mundo que não é deste mundo.

Wisława Szymborska

O diálogo e o estudo geocomunicacional são muito ricos e profícuos, e extrapolam os limites cartesianos mais rígidos ao deslocarem-se para áreas não só como as da arte, da bioética, da biotécnica etc., mas também das mídias e de seus estudos mais diretos.

Para operar esse diálogo, vemos que a obra do geógrafo brasileiro Milton Santos é muito instigante e rica em reflexões que nos incitam a novas problemáticas, mas com a responsabilidade de um aprofundamento sobre a “força do lugar”, conceito com o qual esse autor analisa constantemente o cotidiano. Também podemos verificar que a geografia e a comunicação buscam responder, em momentos históricos ou técnicos específicos, às grandes questões de seu tempo, entre elas o problema da definição e da importância do espaço, do território, da região.

9

Quando a sociedade capitalista busca, a partir da década de 1970, novas formas de acumulação, revertendo seu modo rígido e ordenado de produção e reprodução para um mais flexível, a comunicação encontra na Geografia uma forte aliada na tarefa de compreender o mundo que se abre, visto que as tecnologias que sustentam a comunicação mundial operam, também, como transformadoras dos lugares e, por extensão, do cotidiano. Sobre isso, talvez a imagem criada por Gandhi, quando afirmou *minha vida é mensagem*, seja apropriada aqui, pois o cotidiano é o reino do imediato, mas também é intransferível. Em outras palavras, o cotidiano-corpo é uma mídia para as mensagens diárias que se apresentam a todos nós.

Evidentemente, as teorias do período monopolista do capital, como a chamada Teoria Crítica, auxiliam no entendimento das produções ainda baseadas nesse modelo de sociedade, pois a distribuição capitalista pelo planeta é desigual. Os espaços não estão todos na mesma temporalidade. Assim, apesar de datadas, essas teorias, ao propor e projetar o futuro, ainda respondem às interrogações que a realidade faz ao pesquisador que busca compreender o presente.

Dessa forma, podemos, com Santos, apresentar questões que, embasadas em seu pensamento, se mostram como tendências abertas para a comunicação nesta segunda década do século 21.

A relação da obra do geógrafo com outras áreas do conhecimento pode ser vista em diversos suportes midiáticos e artísticos baseados em conceitos e posicionamentos por Santos desenvolvidos, principalmente nos últimos anos de sua vida. Destacamos aqui a escultura “Cartologia”, de Rosângela Rennó, uma obra tridimensional composta de um álbum de fotografias, uma mesa

império e cinco fotografias em diferentes cores de pele, laminadas e emolduradas, medindo 70 cm x 180 cm x 142 cm, produzida no ano 2000. Conforme a artista mesmo explica: “É uma coleção de mapas. As marcas, os pelos e os poros da pele podem ser lidos como se fossem cartas cartográficas” (SEREZA, 2000, p. D9). Nessa obra, alguns posicionamentos utilizados por Santos, frente à sociedade contemporânea, como a geografia, a discriminação racial e política, podem ser reconhecidos. Essa obra, junto com outras treze, compôs a mostra Território expandido II: a foto, em homenagem, no ano de 2000, às catorze personalidades indicadas ao Prêmio Multicultural 2000 Estadão Cultura, com troféu especialmente criado pela artista Lina Kin (PRÊMIO Multicultural 2000 Estadão Cultura homenageia candidatos com exposição, 2000).

Outra apropriação midiática das ideias e teorias de Santos é a proposta do grupo musical mineiro Fase Rosa, que em março de 2013 lançou o álbum “Homens Lentos”, no qual o tema central é justamente a exclusão perversa de muitos – que o mundo globalizado trouxe para a contemporaneidade –, pois se encontram fora da lógica capitalista.

Conforme Santos chama atenção, com a modernidade e o mito da velocidade, temos uma literatura científica e ficcional que “glorifica a potência [e que] incluiu a velocidade como essa força mágica que permitiu à Europa civilizar-se primeiro e empurrar, depois, a ‘sua’ civilização para o resto do mundo” (1996, p. 220). Contudo, na contemporaneidade, o que estamos vivenciando na cidade é, justamente, o contrário: os que têm mobilidade veem menos, pois “sua comunhão com as imagens, frequentemente pré-fabricadas, é a sua perdição. Seu conforto, que não desejam perder, vem, exatamente, do convívio com essas imagens” (1996, p. 220).

Para os (considerados) homens lentos, as imagens do conforto pré-fabricado são simples miragens que não se preservam e se perdem na temporalidade desses atores lentos.

Aqueles que podem percorrer e esquadrihar a cidade são os que detêm a velocidade por meio da máquina, o veículo automotivo (carros, motos, aeronaves). Porém, estão ou “presos” em suas máquinas, e pouco ou nada da cidade podem ver além da imagem pré-fabricada que os meios móveis (celular, Ipad, tablet etc.) oferecem ou “segregados” em seus lares com suas mídias fixas (TV, PC etc.).

Já os homens lentos – os que não participam da lógica do capital, ou seja, pobres, moradores de rua, “recicladores” com seus carrinhos e outros andarilhos urbanos, os “marginalizados”, isentos da ilusão da imagem midiática, vivendo no espaço banal – podem ressignificar os lugares em um diálogo entre as lógicas globais e locais. Nas análises Santos, “a ordem global é ‘desterritorializada’, no sentido de que separa o centro da ação e a sede da ação” (1996, p. 231), já a ordem local reterritorializa “porque reúne numa mesma lógica interna todos os seus elementos: homens, empresas, instituições, formas sociais e jurídicas e formas geográficas” (1996, p. 231).

É nesse cotidiano, espaço banal de todos que, para Santos, se dá a comunicação visto que as escalas, local e global, dialeticamente, dialogam e reestruturam as relações e razões que configuram a ambas.

Assim, Santos indica que as atividades das classes mais pobres trazem mais liberdade e não conjugam a racionalidade única, de cima para baixo, como o trabalho intelectual institucionalizado, por exemplo. Essa liberdade ocorre pela cidade e vem acompanhada também das mídias móveis, porém usadas de maneira diferenciada, consideradas irracionais pelos de cima, mas que trazem grande carga de novidade e comunicação, pois “a cidade é o lugar ideal, porque é o lugar onde todo mundo se comunica”, como respondeu Santos, quando entrevistado por Gilberto Gil (GIL, 2013).

O geógrafo dizia que era mais cômodo aos intelectuais aderir do que refletir, ainda que a reflexão sobre a luminosidade contemporânea traga muitos frutos – daí a provável aderência de muitos intelectuais. Os homens lentos e opacos trazem o incômodo às mídias e aos criadores do espetáculo transmitido e retransmitido pelos meios eletrônicos quando, por sua lentidão, conseguem captar o verdadeiro movimento das cidades, pois elas pertencem aos homens lentos e opacos não dependentes nem dos sinais eletromagnéticos nem dos deslocamentos “rápidos” e solitários no interior dos veículos, ou seja, da lógica do capital global e flexível, que transmite e retransmite seus valores, suas culturas, suas necessidades e suas possibilidades por essas redes móveis e imagens. “Quem, na cidade, tem mobilidade, acaba por ver pouco, da cidade e do mundo. Sua comunhão com as imagens, frequentemente, pré-fabricadas, é a sua perdição” (SANTOS, 1996, p. 260-261).

Para os homens lentos e opacos, essas visualidades contemporâneas, em forma de imagens multiplicáveis, são miragens que desmascaram sua condição social e cultural. A transmissão de imagens pelo “registro do acontecido” em celulares ou pela própria visão, encaminhadas para rádios populares (ou não) que aceitam retransmitir os fatos narrados pelo ouvinte, como “notícias de primeira mão”, opoem-se à luminosidade da racionalidade única dos que se creem arautos dos fatos e grandes conglomerados midiáticos.

Contudo, as classes mais pobres, exatamente os homens opacos, se não têm luminosidade, têm algum brilho, que podemos entender aqui como lampejos (um brilho, um clarão repentino) no capitalismo cultural flexível ao qual têm acesso momentâneo. Durante o período de Natal, por exemplo, ruas de comércio mundial, como a rua 25 de Março em São Paulo, brilham nas mídias televisivas, impressas e digitais, reconfigurando-se na racionalidade do capital para, posteriormente, voltarem à opacidade de sua condição anterior. Passados seus momentos de miragem, o lampejo perde o brilho.

Ainda com o tema da luminosidade, Milton Santos não é um pessimista, ele vê a possibilidade de um resultado diferente no processo vivido. Essa

luminosidade será resultado de outras práticas no capitalismo global e, por conseguinte, de outra globalização.

Neste ponto, é interessante inserir um recorte no espaço vivido (aquele que é usado pelo homem), refletindo sobre o lugar, a possibilidade dialética com o global pela universalidade empírica, entendida como:

A planetariedade das técnicas e da ação de comando por meio da mais-valia, voltando ao velho marxismo, cria possibilidade, junto com a evolução técnica, a visão do planeta com satélites etc., de ver o mundo, e de não apenas confiar na grande intuição do gênio filosófico, mas na história se fazendo empiricamente. Para nossa disciplina, a globalização é uma abertura extraordinária, que obriga a uma revisão de nossa elaboração intelectual (SANTOS, 2004, p. 40).

Na comunicação, a questão se apresenta com a mesma intensidade, pois a planetariedade das técnicas com a globalização, com os satélites etc. são o cotidiano da maioria dos profissionais e das empresas atuantes. Com o advento da globalização e de seus conhecidos pilares, a saber, a revolução tecnológica propiciada pela informática; as transmissões de informações e as telefonias nacional e internacional – mais baratas –; e o barateamento do transporte internacional, seguido de uma oferta maior, obrigou-se uma revisão dos conceitos e das práticas, sem contar a criação de áreas e linhas de pesquisa inexistentes até então, como é o caso de todos os ciber (cultura, espaço, moda, bullying, rebeldes, entre outros), e as diversas e contraditórias posições que suscita.

Não muito tempo atrás, em 2008, no II Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores da Cibercultura (ABCiber), algumas conferências apontavam mais para a dificuldade e a incerteza de como nomear e conceituar o ciber. Na conferência de abertura, Eugênio Trivinho afirmou que “ciber define uma época” (2013).

Contudo, na década de 1980, esses temas eram tratadas como Novas Tecnologias da Comunicação (NTC – alguns acrescentavam “I” ao final da sigla, que indicava Informação). Felizmente, os conceitos são datados, e cada época deve encontrar as respostas para suas questões. Assim, NTC ou NTCI, hoje, não passa de vocabulário, o que é importante: “o conceito também contribui para o vocabulário, mas vai além dele” (SANTOS, 2004, p. 37); portanto, pensar conceitualmente é avançar no entendimento da época. Mas voltemos ao lugar e ao cotidiano, que são os recortes nos quais o trabalho da comunicação acontece no mundo globalizado.

Atentando para o lugar onde nos inserimos, podemos constatar que é nele que percebemos o mundo (SANTOS, 1996, p. 143). É nessa relação prática, empírica com e no mundo, que sabemos dele, que temos acesso a ele.

Cada lugar, a seu modo e possibilidade, insere-se na globalização com uma carga maior ou menor de conteúdos e densidades técnica, científica e

informacional. O distintivo dos lugares serão as qualidades e as quantidades das densidades citadas, que se inter-relacionam e, juntas, compõem o quadro do lugar, onde uma não exclui nem elimina a outra.

Estruturando as densidades do espaço (SANTOS, 1996, p. 149), vamos encontrar a densidade técnica: representante da modernidade que a constituiu, coloca-se com um grau de perfeição além da natureza, ou seja, é “marcada por diversos graus de artificialidade”.

Também como consequência da primeira densidade do espaço, a densidade informacional, quando da mesma natureza, “é uma informação que obedece às regras do ator e introduz no espaço uma intervenção vertical, que geralmente ignora o entorno posto ao serviço de quem tem a renda” (SANTOS, 1996, p. 149). É uma densidade relacional com os âmbitos exteriores do espaço que a originou.

A densidade seguinte, comunicacional, efetiva-se no lugar, escala do cotidiano, do imediato. Na concepção de Santos, “as relações informacionais transportam consigo o reino da necessidade, enquanto as relações comunicacionais podem identificar-se com o reino da liberdade” (SANTOS, 1996, p. 149). A densidade comunicacional é a que traz a força dos lugares porque é gerada nesse mesmo lugar, “as relações informacionais são verticais e as comunicacionais horizontais” (SANTOS, 1996, p. 149).

Dessa estruturação das densidades, o que temos como resultado é a existência de “lugares mais ou menos dirigidos ao presente e outros mais orientados ao futuro, aqueles onde a riqueza comunicacional é maior” (SANTOS, 1996, p. 149).

Fica clara a importância da densidade comunicacional na busca de um futuro e de outra forma de assumirmos a globalização. Com a redefinição dos valores sociais e rumo ao futuro como ideia de projeto (não mais apenas como recurso), reconhecendo que “o lugar é a possibilidade do acontecer” (SANTOS, 1996, p. 149), vários futuros estão potencialmente colocados para as pessoas, e não apenas para aqueles grupos hegemônicos.

O estudo do lugar sempre traz em seu bojo ainda mais uma questão, que é o cotidiano, ou como considerava Santos, “a quinta dimensão do espaço banal” (1996, p. 257). Visto que a comunicação e a informação ocorrem em todos os momentos da vida social, temos um cotidiano acrescido de outras dimensões. O cotidiano é a quinta dimensão do espaço banal; em relação às outras quatro dimensões, três são espaciais e uma, *espaçotemporal*. A quarta dimensão, a *espaçotemporal*, é exatamente o viver, que se prende ao cotidiano. Este, pessoal e intransferível, é o reino da repetição e da alienação. As possibilidades de rompermos o cotidiano podem ocorrer por meio de uma suspensão, sempre momentânea, pois é impossível uma suspensão eterna. Agnes Heller apresenta quatro formas de suspensão da vida cotidiana, a arte, o trabalho, a ciência e a moral (FALCÃO, 1989, p. 27), às quais podemos também acrescentar outra temporalidade, da qual não experimentaremos, mas que serve de suspensão aos que estão compartilhando o cotidiano conosco: a morte. É interessante

como os jornais, diários ou não, garantem um espaço para os mortos, destacando alguns, apenas citando outros. Não deixa de ser uma informação que pode trazer conhecimento ao leitor.

Estávamos, em 2001, fazendo um pós-doutorado na Universitat de Barcelona, quando chega a notícia da morte de Milton Santos. No dia 26 de junho, o jornal *La Vanguardia*, edição em catalão, publicava “Necrológicas: Milton de Almeida Santos. El rector, el Claustre de Professors, els estudiants i el personal d’administració i serveis, expressen el seu dolor per aquesta pèrdua i s’uneixen al sentiment de la seva família” (NECROLÓGICAS: Milton de Almeida Santos, 2001). Ainda que longe de São Paulo, onde ele morreu, a suspensão foi inevitável, pois tínhamos consciência de que havia sido ele quem abriu as portas da Universitat de Barcelona aos alunos do Departamento de Geografia Humana da Universidade de São Paulo, de que mais do que fãs ou alunos fomos interlocutores de um pensador/pensamento que apreciava o debate. Esse exemplo ilustra, passada mais de uma década, que a força do cotidiano, como escala do viver, é uma dimensão espacial que parte do lugar para compreender como a sociedade é muito mais que a economia que a anima. Oferece a possibilidade de compreender o significado das coisas e a identidade das pessoas com o lugar. A aderência das pessoas com o lugar.

Assim, o cotidiano em uma geografia da comunicação pode ser entendido como uma relação presente e direta com as coisas, com o mundo. Em sendo assim, as formas atuais, além de carregar grande quantidade de informação, são elas mesmas informações, já que existe uma intencionalidade na produção dessas formas (SANTOS, 1996, p. 257).

Entram em ação outros componentes importantes do lugar e do cotidiano, a emoção, as trocas, os encontros e os desencontros entre as pessoas e as infinitas possibilidades de intercâmbio. Temos, assim, a “noção de emoração”, que é a relação entre a emoção e a razão, que “encontra seu fundamento nessas trocas simbólicas” (SANTOS, 1996, p. 256).

A emoção é o fundante da comunicação, e, dessa forma, viver na era da comunicação é uma metáfora. Santos afirma que são os pobres, aqueles fora da lógica única do capital, que se comunicam. Denise Stoklos, no espetáculo “Vozes Dissonantes”, de 2000, citava Milton Santos. Em março do mesmo ano, a Folha de São Paulo reuniu os dois para uma conversa (editada pelo jornalista Valmir Santos), na qual Stoklos afirmou: “Acho muito interessante, por exemplo, quando o senhor diz que não estamos vivendo uma época da comunicação, como se apregoa por aí, porque comunicação é emoção” (SANTOS, 2000).

Santos complementa que a questão da liberdade do artista deve-se ao fato de que ele preserva e atende os chamados da emoção, como resposta válida na busca da verdade; já o “homem da universidade” prefere negá-la: busca a verdade negando a emoção e acredita que é a melhor fórmula para sua produção isenta. Citando o trabalho de Stoklos, o geógrafo apresenta sua impressão do espetáculo

“500 anos: um fax de Denise Stoklos para Colombo”, de 1982, no qual ela representa a troca de ouro dos índios pelos espelhos dos brancos: “Seu trabalho no palco é uma cruzada. Minha impressão é que ele repercute algo que é profundo na alma brasileira e está buscando intérpretes [...]. A cultura tem de vir com o território, com o povo, com a história se fazendo [...]” (SANTOS, 2000).

Denise Stoklos emenda: “A gente raspa, assim, as palavras suas[...], pega aquilo e se agarra como se fosse uma boia no naufrágio. Quantas vezes um simples pensamento nos conduz a praias mais iluminadas?” (SANTOS, 2000). Ao que retoma o diálogo sobre a emoção, firmando que trabalhar com a emoção é difícil porque a autora não foi criada e instruída para trabalhar com isso no período da ditadura brasileira, “só que as coisas não mudaram, mesmo com essa chamada democracia legitimada pelo voto, que não significa nada. É pior, porque traz o fantasma desse legítimo [...]” (SANTOS, 2000).

Santos completa: “[...] É um consumo eleitoral [...]”, e Denise Stoklos reflete sobre a dificuldade que é ligar a emoção e o real, o entendimento do momento atual e o “neoliberalismo cínico”, no qual o conformismo é a tônica e a resposta única: “Seu trabalho, professor, também nos pede essa emoção” (SANTOS, 2000).

A epistemologia da existência possibilita a apreensão da realidade. Na afirmação de Santos, esta foi uma descoberta nova, já que viveu em diversos países sem nunca ter sido um cidadão local. Vivia a racionalidade do estar, e a epistemologia da existência representa o “existir como condição para ver o mundo, e isso inclui, em primeiro lugar, a emoção. Porque a razão reduz a força de descobrir, porque só a emoção nos leva a ser originais” (SANTOS, 2000). Evidentemente que não apenas pela emoção, mas ela faz com que seja mais rápido.

Contudo, dentro da universidade, *locus* do pensamento universal e do novo, isso é mais difícil, afirma o geógrafo. Retomando fatos de sua infância, quando se encantava com a população em movimento, reflete: “Uma reinterpretação da sociedade brasileira em movimento permite ver, digamos, uma outra coisa, um futuro mais perto. Nós fomos tratados e educados para examinar o chamado presente, não imaginando que o futuro está aí, embutido no presente” (SANTOS, 2000).

Santos conclui seu pensamento acreditando no futuro como tendência, pois “a ação é presente, mas a aspiração dela é o futuro” (SANTOS, 2000).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando com a questão da emoção, é ela que nos liberta da “prisão” da escolaridade formal, dos limites do vocabulário fechado e limitante das ciências. É ela que engendra a intersubjetividade no cotidiano e, por extensão, é nela que o novo pode ser pensado e criado.

Nesse sentido, tomando como referência a ideia dos homens lentos e homens rápidos, e aceitando a instantaneidade da mídia, podemos “divagar”

e perguntar como se dá a perenidade do humano no chamado pós-humano. Ambos são resultado de um momento técnico específico, e a partir do lugar podem fazer-se humanos ou pós-humanos. Entre o velho e o antigo, escalas temporais, portanto, está o império da novidade promovido pela mídia, escala geográfica.

Seguindo a proposta do futuro como tendência, algumas reflexões, no diálogo geocomunicacional, emergem, como o debate do pós-humano. O conceito de pós-humano pode ser entendido, neste momento e provisoriamente, como uma mistura entre a transformação do homem, promovida pela biotecnologia, pela biogenética e por uma bioética que acompanha essas alterações físicas e espirituais, e a máquina, que supera o homem (SANTOS, 2005, p. 161), construindo um futuro maquínico baseado em novas genéticas e éticas fuzzy (para usar uma expressão da lógica), no qual o “talvez” é um valor intermediário e aceito.

Com isso, mais questões aparecem: os homens opacos-lentos seriam os humanos e os homens brilhantes-rápidos, pós-humanos? Entre eles haveria uma genética fuzzy que aceitasse vários níveis humanos? Ainda assim, é opaco, mas tem cor. A mídia acelera o caleidoscópio social que transforma as cores em uma só?

Em outro momento (SILVA, 2001, p. 172), quando falávamos de Santos, terminamos nossa explanação com o poema/música “Rei das cores”, de Caetano Veloso, que aqui parece oportuno transcrever:

Para a Cinza: cinza

Para a Areia: ouro

Para a terra: pardo

Para a Terra: azul

Para o homem: negro

Para o homem: rosa

Para o homem: ouro

Para o anjo: azul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Jesus de Paula. *Milton Santos*: testamento intelectual. São Paulo: Unesp, 2004.

FALCÃO, Maria do Carmo. O conhecimento da vida cotidiana: base necessária à prática social. In: NETTO, José Paulo; FALCÃO, Maria do Carmo. *Cotidiano: conhecimento e crítica*. São Paulo: Cortez, 1989.

GIL, Gilberto. Gilberto Gil e o professor Milton Santos. Disponível em: <http://www.gilbertogil.com.br/sec_texto.php?id=12&language_id=1&id_type=4>. Acesso em: 13 mar. 2013.

NECROLÓGICAS: Milton de Almeida Santos. *La Vanguardia*, Barcelona, 26 jul. 2001. Edició Catalá, p. 40.

PRÊMIO Multicultural 2000 Estadão Cultura homenageia candidatos com exposição. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 19 jun. 2000. Caderno 2. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/arquivo/artelazer/2000/not20000619p5473.htm>>. Acesso em: 13 mar. 2013.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Laymert G. Demasiadamente pós-humano: entrevista com Laymert Garcia dos Santos. *Revista Novos Estudos*, Cebrap: São Paulo, n. 72, jul. 2005.

SANTOS, Valmir. Um olhar dissonante: a atriz Denise Stoklos encontra o geógrafo Milton Santos para conversar sobre os 500 anos do Brasil e sobre a peça Vozes Dissonantes, destaque do Festival de Curitiba. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 7 mar. 2000.

SEREZA, Haroldo Ceravolo. Milton Santos une Geografia e Reflexão/ Cartologia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 jun. 2000, p. D9.

SILVA, Paulo Celso. Milton Santos. *Revista de Estudos Universitários*, Uniso: Sorocaba, v. 27, n. 2, jun. 2001.

SZYMBORSKA, Wislawa. Mapa e outros três poemas. Trad. Regina Przybycien. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 27 jan. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/1220200-mapa-e-outros-tres-poemas.shtml>>. Acesso em: 27 jan. 2013.

TRIVINHO, Eugenio. Cibercultura e divisão social do trabalho intelectual no Brasil: em nome da consolidação institucional nacional de um novo campo interdisciplinar de estudos. Disponível em: <http://www.cencib.org/simposioabciber/anais/mesas/videos/?autor=Eugenio_Trivinho>. Acesso em: 14 mar. 2013.